

ASSEMBLÉIA

Reajuste, sindicância e Plano de Saúde na pauta dos funcionários

A assembleia dos funcionários de 15/4 tratou de temas delicados. Um deles, que preocupa a categoria, é o reajuste salarial. O funcionário Anselmo Antonio da Silva, que hoje representa os funcionários da PUC-SP no Saacsp (Sindicato dos Auxiliares de Administração Escolar de São Paulo) informou que um acordo com as mantenedoras está próximo. Espera-se a definição de um índice próximo a 6,75%, incorporando aos salários 5% de reajuste mais 1,75% de aumento real. A questão das bolsas de estudo deverá ter nova redação, devolvendo aos funcionários a possibilidade de duas bolsas para si e cada um de seus dependentes, algo que não vinha sendo observado pela PUC-SP.

Os representantes dos funcionários no Conselho Univeristário anunciaram que apresentarão recurso ao conselho para alterações no Redesenho. Será proposta uma revisão das representações administrativas no CAF (atual Conselho de Planejamento, Desenvolvimento e Administração) e no Cepe (Conselho de Ensino e Pesquisa). Os funcionários continuam sem participação alguma no Cepe. Na assembleia, foi relatado que alguns professores do Consun trataram a questão com desdém. No CAF, os funcionários questionaram a obrigatoriedade de todos os câmpus estarem representados.

Pendências administrativas

A Comissão de apuração de pendências administrativas na AFAPUC apresentou seu relatório à assembleia. No documento são narradas discrepâncias financeiras cometidas pelo ex-tesourei-

ro da associação. Para a diretoria da entidade, os fatos apresentados justificam uma auditoria contábil e financeira, para que tais discrepâncias sejam consubstanciadas e possam levar a uma queixa-crime contra o ex-tesoureiro. A assembleia decidiu por unanimidade suspender o funcionário do quadro associativo, bem como da função de conselheiro fiscal da entidade.



BRUNA CAMPOS

Na assembleia funcionários debatem problemas da categoria

Nas páginas internas, o *PUCviva* relata as mudanças no Plano de Saúde discutidas na assembleia.

ATRASOS

Pagamento dos atrasados preocupa professores

Os professores da PUC-SP, que hoje têm seus contratos solapados com a maximização, manifestaram na semana passada sua preocupação quanto aos valores devidos pela Reitoria ao quadro docente. Somados, os valores decorrentes de reajustes não pagos aproximam-se de quatro salários para cada professor. Não foram poucos aqueles que procuraram o *PUCviva* indignados com a situação.

A APROPUC vem pleiteando uma reunião com a Fundação São Paulo desde o início do segundo semestre de 2007, sem obter resposta conclusiva. Numa das últimas assembleias da categoria, alguns professores levantaram a possibilidade de ingressar na Justiça do Trabalho para ressarcimento das perdas.

Para o diretor da APROPUC Erson Martins de Oliveira, "o fato de a Fundação São Paulo não dar resposta aponta para dois sérios problemas: em primeiro lugar, fica configurado o arrocho salarial da categoria, que mensalmente deixa de receber uma parcela significativa de seu salário. Além

disso, fica evidente um desrespeito ao professor quando, invocando-se o argumento da crise, aponta-se para um futuro incerto, sem que seja feita nenhuma proposta à categoria". Erson ressalta que somente a mobilização dos professores poderá fazer com que a situação seja revertida. A APROPUC deve convocar em breve uma assembleia para discutir a questão.

Campanha Salarial

Se para os funcionários um acordo parece próximo, os professores do ensino superior estão enfrentando a intransigência das mantenedoras em sua campanha salarial. Na mais recente assembleia do Sinpro-SP, foi aprovada a decisão de encaminhar a reivindicação para um dissídio coletivo. O sindicato encaminha nos próximos dias o pedido de uma mesarredonda junto à Justiça do Trabalho. Por outro lado, insistirá nas negociações com as mantenedoras.

Reitoria mantém contratos privilegiados na pós-graduação

Baseados na pré-matrícula e não no número efetivo de alunos matriculados, os contratos da pós-graduação estão em desacordo com as normas vigentes e cada vez mais distantes dos contratos maximizados da graduação

Na graduação da PUC-SP, pelo terceiro ano consecutivo, os contratos dos professores seguem as regras rígidas da "maximização", que deveriam vigorar em caráter emergencial por um ano e que, se depender da atual Reitoria, tendem a se tornar definitivas. A "maximização" da 65/78 representou aumento de trabalho para os professores da graduação, sem o correspondente aumento de remuneração. Na verdade, em linguagem clara e direta, houve uma redução salarial – o que é terminantemente proibido pela Constituição e pelas leis trabalhistas.

No entanto, o caráter emergencial diante da crise financeira da universidade acabou contando com a colaboração e a boa vontade dos professores, especialmente porque o compromisso assumido pela Reitoria e pelo Conselho Universitário era de um regime de exceção, pelo prazo máximo de um ano. A "maximização" representou um enxugamento do bolo das horas contratuais de praticamente todos os departamentos da PUC-SP. Muitos departamentos perderam de 20% a 25% do total das horas contratuais, e tiveram de demitir um percentual aproximado de professores ou fazer novo rateio das horas restantes, com rebaixamento geral nos valores dos contratos.

Os efeitos da "maximização" ainda estão em gestação: de imediato, a medida representou corte de contrato e "economia" financeira para a instituição; representou a desvalorização profissional de todos aqueles que se dedicavam há anos à universidade; e começa a representar, pelo aumento de trabalho e pelo sacrifício imposto, uma queda na qualidade dos serviços prestados pelo próprio cansaço do corpo docente – algo que vai se tornando cada vez mais contraproducente para o futuro da instituição.

Contudo, além da perversidade da "maximização", o que mais choca é saber que aquilo que foi imposto com mão-de-ferro na graduação não afetou, de fato, a situação geral dos contratos dos programas de pós-graduação. Surpreendentemente, as horas globais atribuídas aos programas de pós continuam em elevação, apesar da diminuição do número total de alunos. A disparidade aumentou nos últimos anos – não apenas entre os recheios dos contratos da graduação e da pós-graduação, mas sobretudo entre os contratos mantidos na pós-graduação e a real situação de orientandos e turmas em funcionamento nos programas.

A situação é tão grave que em novembro do ano passado, na reunião de 27/11/2007 da Comissão Geral de Pós-Graduação, a própria presidência da pós manifestou preocupação "sobre as horas aprovadas para os programas realizarem, que vêm aumentando semestralmente, enquanto o total de alunos vem sendo reduzido. Por consequência, as horas em desacordo aumentam a cada semestre. A maximização aprovada pelo Consun incide, na Graduação, sobre contratos correspondentes aos alunos matriculados e, na pós-graduação, os contratos são certificados a partir das pré-matrículas, gerando, por consequência, mais horas em desacordo com as normas vigentes" (extraído da ata).

Apesar de todas as provas de que o critério adotado pela pós – baseado na pré-matrícula e não no número efetivo de alunos matriculados – causa distorção nos contratos e aumenta ainda mais a distância em relação aos contratos da graduação, criando uma situação de muito privilégio, a mudança de critério foi rejeitada pela Comissão Geral. A proposta previa a certificação dos contratos com base nas matrículas concretizadas em janeiro de 2008, mas pelo voto da maioria (com quatro abstenções e o voto contrário da presidência) foi mantido o critério gerador da ficção contratual da pós.

Esse dado revela a visão elitista e corporativa do grupo dominante na pós-graduação da PUC-SP, que inclusive aceita a irregularidade e a imoralidade de contratos inchados (maquiados) e supervalorizados sem a devida contrapartida dos serviços. Revela a visão exclusivista e egoísta de um setor privilegiado da universidade – no momento em que a grande maioria do corpo docente da graduação está sendo penalizada com excesso de carga de trabalho.

A manutenção de tais critérios na pós significou, em 2008, a abertura de várias turmas com menos de seis alunos matriculados (cada turma equivale a um TP-10 para disciplina com mais de dois créditos) e a certificação de contratos de 10, 20 e 30 horas de orientação baseados em números fictícios de orientandos, já que foram computados na pré-matrícula, em 2007, e não na confirmação da matrícula em 2008. O critério adotado é de cinco orientandos pré-matriculados para cada TP-10.

Informações conhecidas na pós dão conta da existência de pelo menos dez turmas abertas com menos de seis alunos e aproximadamente 500 (quinhentas) horas contratuais de orientação em desacordo com as normas vigentes. Ou seja: os contratos da pós expressam uma situação sem base na realidade, uma verdadeira ficção que desvia do cofre comum da instituição o mínimo de 600 horas contratuais por mês. Professores que tiveram acesso a esses contratos calculam que o número de horas excedentes chega a 800, com uma despesa mensal (levando-se em consideração o salário-base de cada categoria) de aproximadamente R\$ 300 mil, com os encargos normais.

O que parece mais grave nessa situação é que a Reitoria, através da Vice-Reitoria Acadêmica, não apenas consentiu com a existência de disparidades tão brutais dentro da mesma instituição, por mais de dois anos de "maximização", como também tem procurado encobrir, justificar e apoiar as distorções presentes nos critérios e contratos de trabalho dos professores da pós-graduação. Evidentemente que os professores, de maneira geral, não são responsáveis por essa trama que envergonha a universidade; a responsabilidade é do corpo dirigente e de todos aqueles que ocupam cargos de decisão e que deveriam zelar pela integridade institucional.

Diretoria da Apropuc

As diferenças dos contratos

Os contratos da pós-graduação e da graduação estão muito distanciados. A desigualdade é gritante. Veja a seguir alguns exemplos tirados de contratos reais de professores da pós e da graduação:

Pós-Graduação	Graduação
Caso 1 – TI-40 = uma turma com 13 alunos e 11 orientandos.	Caso 1 – TI-40 = oito turmas, quatro programas, 18 créditos e 280 alunos.
Caso 2 – TP-30 = uma turma com 17 alunos e 08 orientandos.	Caso 2 – TP-30 = cinco turmas, três programas, 15 créditos e 114 alunos.
Caso 3 – TP-20 = uma turma com 07 alunos e 04 orientandos.	Caso 3 – TP-20 = cinco turmas, três programas, 10 créditos e 259 alunos.

Observação: O número de alunos na pós-graduação corresponde à pré-matrícula e não ao número efetivo de alunos matriculados. Tudo indica que o número real de alunos cursando seja menor do que o que consta no registro estatístico de cada programa.

“Em Sorocaba, a visão de ‘patinho feio’ foi revertida pela própria comunidade”

Cibele Isaac Saad Rodrigues dirige o Centro de Ciências Médicas e Biológicas, CCMB, há sete anos. A professora, que tem acompanhado a crise da PUC-SP como membro do Conselho Universitário, é nossa entrevistada da semana na sessão especial sobre a sucessão da Reitoria

GESTÃO MAURA VÉRAS

Na gestão da professora Maura, o CCMB pôde manter a “autonomia responsável” que conquistou ainda na gestão do professor Ronca. Mesmo após a Fundação São Paulo ter assumido as funções junto à Secretaria Executiva isso tem sido possível. Foi uma conquista fundamental para as mudanças realizadas no câmpus Sorocaba, fruto do trabalho de nossa equipe, do espírito de cooperação e do diálogo entre todos os envolvidos. Além disso, não é possível tomar conta de uma universidade complexa como a nossa PUC-SP sem delegar, principalmente quando nos referimos aos outros câmpus. A visão de “patinho feio” que existia por aqui foi revertida pela própria comunidade, quando passou a se enxergar cheia de potencialidades e com capacidade para transformar-se e demonstrar com eficácia e eficiência essa nova faceta para toda a universidade.

Do ponto de vista mais “macro”, penso que viver as turbulências que culminaram com as demissões e com a mudança de paradigma não foi e não é tarefa fácil para ninguém, fosse quem fosse. Nem sempre concordamos com as decisões da Reitoria e nos sentimos no direito de discordar. Contradições e diferenças devem ser bem-vindas em estruturas democráticas. Nesse sentido, fazendo um paralelo com nossa própria gestão no CCMB, diria que é importante auscultar a comunidade e compartilhar as decisões, mas compete, por dever de ofício, a alguém deliberar. E as decisões são muito solitárias, por vezes. Entendo que o Consun foi um órgão termômetro dessa ebulição: respaldou medidas austeras e polêmicas, colocando-se ao lado da Reitoria nos piores momentos, visando à manutenção da institucionalidade.

carga horária dos professores como solução parcial para a crise financeira, em caráter emergencial, temporário e provisório. À época, foi um importante indicativo da disposição dos docentes em colaborar na reversão do déficit e teve impacto significativo na folha de pagamento. Mas, como toda medida paliativa e não curativa, se esgota. Vem ocorrendo um incremento no número de contratos, agora sob nova modalidade, que coloca professores iguais (tempo de contrato, atividades pedagógicas e qualificação) em condições díspares. Essa equação

pode ser explosiva. No entanto, foi absolutamente necessária. Crise é isso: se resolve com respostas e não apenas com críticas. Infelizmente, nosso grandioso passado de lutas e nossa história de excelência acadêmica não são suficientes para quitar nossas dívidas, ora equacionadas, mas inadiáveis. Quero lembrar que crise é uma palavra grega que tem significados para a Medicina, para a Filosofia e para a Política. Significa um momento no qual um processo vai encontrar o seu ápice, e ele exige que haja uma operação muito clara e muito eficaz para que o procedimento se finalize e uma situação nova possa ser estabelecida. Na Medicina, a crise se caracteriza quando a doença chega ao seu ponto máximo e o médico intervé para tentar produzir a cura. Aprendi com a minha amiga, professora Salma Tannus Muchail, que na Filosofia, um ideário novo surgia nas crises, quando

das contradições de outras idéias chegavam ao limite. Ou seja: ao longo desses 7 anos à frente do CCMB, passei a encarar as crises como uma possibilidade de mudança para melhor, e não *a priori* um perigo a ser reprimido e combatido incessantemente, sem análise.



Democracia é isso: ouvimos a direita e a esquerda. Ouvir não é subservir, não é concordar, muito menos se violentar

MAXIMIZAÇÃO

Exemplo disso foi a aprovação da maximização da

REITORIA X ESTUDANTES

A democracia pressupõe a possibilidade de conflito, do tipo que não é perigoso e ilegal. Ela deve garantir os direitos

de todos pela ação da própria comunidade e, esses mesmos direitos precisam ser conservados por ela. Assim, o direito legítimo de um grupo em protestar não pode ultrapassar o direito, também verdadeiro, daqueles que não concordam com a forma utilizada para esse protesto. Com isso, quero dizer que possivelmente ocorreram abusos. Nosso patrimônio não é apenas histórico e cultural. É também predial, e "nossa casa" merece respeito. A tradição que todos desejam conservar é a de debate político, qualificado, não violento, de parte a parte. A reciprocidade estabelece limites e a democracia sucumbirá sem eles.

FUNDAÇÃO SÃO PAULO

Por conta da situação falimentar em que a PUC-SP se encontrava, Ministério Público e Fundação assinaram o TAC. Não é possível ignorar suas presenças. O óbito era anunciado. Pela prática médica aprendi que, nessa situação de choque ou de parada cardiorrespiratória, é melhor corrermos determinados riscos, mesmo entubando o paciente e utilizando aparelhos que substituam suas funções vitais. Havia esperança, ou seja, o prognóstico era sombrio, mas não definitivo.

No mais, no cotidiano vivenciamos o velho conflito entre mantenedora e mantida. Se gestarmos com responsabilidade, poderemos manter respeitoso convívio.

Afirmo que o diálogo é possível, embora nem sempre fácil. Esse relacionamento não é diferente do que executamos em nossas casas: planejamento, equilíbrio entre receitas e despesas, investimentos, busca constante de qualidade, enfim, mesmo a duras penas, tentamos balancear o que queremos com aquilo que é possível obter. E mesmo nas melhores famílias há conflitos. Democracia é isso: ouvimos a direita e a esquerda. Ouvir não é subservir, não é concordar, muito menos se violentar. É dialogar e ter maturidade até para mudar de posição quando seu divergente está correto. Exige grandeza.

SUCCESSÃO

Devemos ter muita responsabilidade na escolha dos candidatos e de suas plataformas. A Fundação São Paulo, estatutariamente, pode exigir que a universidade lhe forneça uma lista tríplice. Essa é uma realidade concreta. Não há como desconhecer-la, embora nossa prática seja de aceitação, por parte do grão-chanceler, de observar a sequência de candidatos valorados pelo voto. Se isso ocorrerá, é uma incógnita. Esperamos que sim. Para tanto, uma composição de forças seria o ideal, e é preciso costurá-la com exatidão, destreza, técnica e firmeza. Politicamente, para Dom Odilo será ótimo se soubermos escolher sabiamente um líder que tenha um plano de ações sintonizado com os anseios da comunidade, mas que tenha o dom da negociação. Fazer promessas impossíveis apenas servirá para desqualificar o processo. Afinal, milagres, segundo a cultura popular, só com a Igreja. Assim, a participação de todos na sucessão é obrigatória. Sinto-me assim, com o meu quinhão.

REDESENHO

Sou membro da Comissão de Redesenho Institucional e sei do imenso trabalho que tem sido tentar fazer as informações se capilarizarem, alcançando e oxigenando a todos com a mesma intensidade e qualidade. São dois anos de discussões. A necessidade de repensarmos nosso modelo teve sim seu pontapé inicial pelo TAC. É preciso admitir, mas isso não significa que não devêssemos abraçar essa tarefa como sendo nossa (comunidade e Consun). Preferimos estabelecer princípios e uma sistemática de trabalho que nos levassem a uma estrutura obrigatoriamente democrática, porém mais moderna e mais ágil, mas que não nos tornássemos estranhos a nós mesmos. A alternativa a isso seria ignorarmos essa oportunidade, arriscar virar as costas e decidir pela não participação, fazer inúmeras críticas à mantenedora e ao Ministério Público e receber um estatuto pronto, de cima para baixo, como ocorreu em outras Comunitárias. Não havia espaço para abstenções nesse caso.

CCMB E HOSPITAL SANTA LUCINDA

O modelo adotado em Sorocaba está dando certo e pode servir de piloto. Fizemos uma reforma interna e externa, baseada em um projeto apresentado à comunidade à época

das eleições. Essa construção foi realizada com apoio, sem greves, sem violência, compondo um time apaixonado, escolhendo prioridades entre as prioridades por negociação à exaustão, com muito trabalho e convencimento. Há quem discorde da metodologia, mas não do direcionamento.

Foram 50 anos sem investimentos, no falecido "patinho feio". O Hospital Santa Lucinda corria risco de ser vendido, junto com o "prédio verde". A princípio, não tínhamos conhecimento da dimensão dos problemas e, ainda, as informações e os parâmetros gerenciais eram bastante dificultados. Muito trabalho foi necessário

para que a relação obrigatória de confiança fosse estabelecida. Somos uma unidade complexa, com 100 km de distância da sede, com comando duplo (local e central), que abriga os cursos de Medicina, Enfermagem e Biologia. Com mais de 50 anos atuando na área da saúde, o desafio era imenso de recuperar o *status* de outrora, com recursos escassos e uma imagem política desgastada na região.

Nossa missão, ainda em andamento, só foi possível graças à parceria estabelecida entre direção, associações, professores, alunos e funcionários, apoiada pela Reitoria e pela Fundação São Paulo. Tivemos muitos momentos de crise. Alguns pareciam intransponíveis, especialmente no Santa Lucinda. Hoje, entendemos que saímos da UTI e nosso paciente está em franca recuperação, necessitando ainda de cuidados persistentes de toda a equipe multidisciplinar. Cada qual teve e tem um papel a cumprir. Tenho certeza que o mesmo amor e a mesma dedicação existem na imensa maioria das pessoas que fazem a nossa universidade. Isso me faz pensar que somos capazes de traçar terapêutica similar e exitosa à PUC.

Infelizmente, nosso grandioso passado de lutas e nossa história de excelência acadêmica não são suficientes para quitar nossas dívidas, ora equacionadas, mas inadiáveis.

Funcionários analisam mudanças no Plano de Saúde

A discussão das alterações no Plano de Saúde Intermédica tomaram boa parte da assembléia dos funcionários de 16/4. As funcionárias Ângela Renna e Helena P. Moraes, da Divisão de Recursos Humanos, informaram à assembléia que a Intermédica pretende adaptar a sua apólice à Lei 9656/98, o que proporcionaria a utilização de mais de dois mil novos procedimentos, hoje não cobertos pelo plano – inclusive cirurgias de alta complexidade.

Esse incremento de serviços levará a um aumento de 20% na mensalidade. No Plano Padrão, a PUC-SP arcaria com 10%, enquanto o funcionário, hoje isento passaria a contribuir com R\$ 6,85. Nos demais planos, a proporção de aumento será maior, uma vez que o valor subsidiado pela PUC-SP é fixo (R\$ 75,40). O Plano Especial, por exemplo, custa

hoje R\$ 142,96; com o subsídio atual de R\$ 74,41, o usuário arca com R\$ 68,55. Pela nova sistemática, o custo total passa a ser R\$ 171,55, com R\$ 75,40 de subsídio, restando ao usuário o pagamento de R\$ 96,15.

Os funcionários argumentaram que a PUC-SP deveria continuar com o pagamento integral do Plano Padrão. Outra dúvida referia-se a possíveis alterações nos critérios de sinistralidade quando a Intermédica adequar-se à nova legislação. A sinistralidade tem se constituído em um verdadeiro fantasma para os usuários do Plano de Saúde Sul-América, que viram suas mensalidades crescer absurdamente nos últimos anos. A assembléia decidiu formar uma Comissão constituída pela diretoria da AFAPUC, mais os funcionários Bernardete Maciel e Paulo Roberto de Souza. Eles vão anali-

sar, junto com a DRH, as possíveis conseqüências da adequação do Plano de Saúde à Lei 9656/98.

Denúncias à Fundação

Também foram relatadas pela diretoria da AFAPUC as denúncias feitas pela entidade à Fundação São Paulo. Os representantes dos funcionários pediram providências ao padre Rodolfo Perazzollo para sanar dois problemas graves: horas docentes pagas sem prestação das atividades por alguns professores da pós-graduação, e confecção de um número exorbitante de material para a divulgação do vestibular, que acabou encalhado no Almoarifado. Após as denúncias, o material passou a ser distribuído em vários setores da universidade.

CULTURA

PUC recebe seminários com especialista congolês

O seminário *Músicas Africanas – teoria, cultura material, arte e comunicação*, começou em 14/4, dando início ao ciclo de encontros com o antropólogo e musicólogo Kazadi Wa Mukuna, do Congo. O professor dirige atualmente a Faculdade de Música da Universidade de Kent, nos EUA. Pioneiro em estudos acadêmicos sobre música africana, Kazadi já pesquisou a própria influência africana na música brasileira.

Neste primeiro encontro, o professor introduziu conceitos gerais da cultura africana e a concepção do curso. Carismático, explicou que é possível compreender a música africana através de aspectos culturais de cada etnia, mas destacou que compreender a filosofia do continente é determinante. Em linhas gerais, trata-se de um entendimento diferente



Com português claro, professor Kazadi introduz conceitos da música africana

do “penso, logo existo” de Descartes, predominante no Ocidente. Na África, a concepção de existência é coletiva, mesmo na interação com o meio-ambiente. Essa visão demarca a estrutura social, as relações pessoais e familiares e, conseqüentemente, influencia a música local.

Os próximos seminários com Ka-

zadi acontecem sempre às segundas-feiras, às 16h, na sala 508 (5ª andar do Prédio Novo), até julho. Disputadas, as inscrições já estão encerradas. O ciclo procura revelar aspectos estéticos e conceituais da música e dança da África subsaariana, considerando a geografia local, línguas e a influência da religião e do colonialismo.

Rola na rampa

Assembléia discute eleições na APROPUC

Na terça-feira, 15/4, os professores associados reuniram-se na sede da APROPUC para debater o futuro da entidade. A assembléia teve pauta única: o processo eleitoral. O mandato tem o período de dois anos, e o atual encerra-se no dia 26/6. Para garantir o pleito, será criada uma Comissão Eleitoral, responsável pela organização de todo o processo – desde a elaboração do Regimento Eleitoral até a responsabilidade pelas urnas. A

atual diretoria lembrou dos detalhes da última eleição, ciclo de debates, controle de verbas para campanha, etc., para subsidiar a nova Comissão Eleitoral. Até o momento, a professora Ana Bock, da Faculdade de Psicologia, candidatou-se para integrar a Comissão. Na assembléia, os presentes discutiram nomes que poderiam se juntar à professora. Os professores citados serão convidados durante a semana.

Confira o calendário da Cipa

A Cipa preparou as seguintes atividades para esta semana: no campus Monte Alegre, no dia 23/4, palestra com a dermatologista Denise Steiner, às 13h na sala 134c. Ginástica Laboral no dia 25/4, às 14h30, no auditório do Prédio João Ramalho e o regulamento do concurso de Caça-Palavras está disponível no site da CIPA. No campus Santana, haverá Ginástica Laboral no dia 22/4, às 15h. Na Deric, em 24/4, será apresentada palestra sobre Saúde Auditiva, às 10h, na sala Iesp. Já Barueri terá orientações de cuidados com a voz às 9h e Oficina da Voz às 12h.

Estágio para alunos de Fono e Letras

O Projeto de Extensão *Formação de Mediadores de Leitura*, coordenado pelos departamentos de Lingüística e Clínica Fonoaudiológica da PUC-SP, em parceria com a ONG Novolhar, abriu vagas de estágio na área de mediação de leitura com crianças e jovens. As inscrições podem ser feitas na Central Geral de Estágios até o dia 24/4, mediante apresentação do currículo e do histórico escolar.

Semana do Contabilista 2008

O Centro Acadêmico Leão XIII, em parceria com o Departamento de Ciências Contábeis convida todos os estudantes para participar da Semana do Contabilista 2008. O evento começa no dia 22/4, terça-feira, às 20h no TUCA

e segue durante toda semana. As palestras dos dias 23 e 24/4 acontecem no mesmo horário e local. Somente no último dia de programação, 25/4, o evento terá lugar na sala 333, às 20h.

Contra a Repressão na PUC-SP

Na quinta-feira, 17/4, o Comitê Contra a Repressão na PUC-SP concluiu o abaixo-assinado que pede a refirada imediata do processo punitivo contra nove estudantes. O próximo passo será um ato público de professores, funcionários e estudantes para entregar o material à Reitoria e à Fundação São Paulo. A próxima reunião

do Comitê discutirá os detalhes da organização do ato. O encontro acontecerá nesta quarta-feira, 23/4, às 18h, na sede da APROPUC (Rua Bartira, 407). É fundamental a presença de todos para que o ato se torne massivo e mostre aos gestores da universidade que a comunidade não aceitará medidas repressivas na PUC-SP.

Colóquio sobre a Injustiça

Ao longo desta semana, o Grupo de Pesquisa em Ética e Filosofia Política, do Departamento de Filosofia, promove um ciclo de debates sobre a injustiça social. O tema será discutido durante os dias 22 a 25/4, no auditório 333. A abertura acontece às 18h da terça-feira, 22/4. No dia seguinte, o tema é *A injustiça nos diferentes sistemas filosóficos*. Na

quinta, entram em discussão *As injustiças históricas*. Para finalizar o ciclo, na sexta, o debate é sobre *As representações culturais da injustiça*. Também organizam o evento o Groupe d'Etudes sur l'ê Matérialisme Rationnel – GEMR/Paris e a Fondation Gabriel Peri – Paris. Inscrições e informações: 3670-8417 ou posfil@pucsp.com.br.

Conversas anarquistas com o Nu-Sol

Os Insurgentes é o novo programa televisivo do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária), apresentando Margaret Rago e Salete Oliveira. O programa vai ao ar nos dias 17/4, às 20h; 18/4 às 13h; 20/4 às 13h; e 22/4 às 13h30, e pode ser assistido na página <http://tv.nu-sol.org>.

Copa de Truco na PUC-SP

O Departamento de Educação Física e o PAC estão organizando a Copa de Truco da PUC-SP. As duplas podem inscrever-se no PAC (sala 63-G do Prédio Novo) até 24/4. Basta levar 2kg de alimentos não perecíveis por dupla. Informações: 3670-8544.



Homenagem

O Curso Livre Marx e Engels, da Boitempo Editora e do Departamento de História, foi encerrado com uma homenagem ao historiador Jacob Gorender. Na foto acima o debate do historiador com a platéia lotada do Tucarena.